

José Fonseca

Médico, doutor em Psiquiatria pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), didata pela Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP) e coordenador do Daimon – Centro de Estudos do Relacionamento.

Moreno e Espinosa: Aproximações**Moreno and Espinosa: approaches****RESUMO**

Busca-se uma aproximação entre alguns conceitos de Moreno e Espinosa, levantando-se a hipótese de que o ponto comum entre ambos se encontra na filosofia da Cabala. O texto divide-se em uma introdução histórica e tópicos da concepção do divino, do conhecimento e da alegria na obra desses dois pensadores.

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia. Moreno. Espinosa. Cabala. Deus.

ABSTRACT

This article focuses on the connections between some of the concepts developed by Moreno and Spinoza, raising a hypothesis that the common denominator linking these two authors is the philosophy of Cabala.

KEYWORDS:

Philosophy. Moreno. Spinoza. Cabala. God.

“Deus existe mesmo quando não há.”

(Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa,
em Grande Sertão Veredas)

Tento fazer uma breve correlação entre Moreno (1889-1974) e Espinosa (1632-1677), dadas algumas coincidências de suas ideias, com o intuito principal de melhor ilustrar alguns pontos da filosofia moreniana.

Em primeiro lugar, ambos eram judeus sefaraditas. Os sefaraditas, sefarditas ou sefaradís, viveram, preponderantemente, até o século XVI, na Espanha e em Portugal, e se distinguiam culturalmente dos judeus do Norte da Europa, denominados asquenazis. A filosofia da Cabala fazia parte da cultura mística e religiosa dos judeus ibéricos. Moysés de León (da cidade de León, Espanha) é tido como o compilador do Zohar (Livro do Esplendor), livro sagrado do conhecimento cabalístico.

No reinado de Fernando de Aragão (1452-1516) e Isabel de Castela (1451-1505), os judeus foram obrigados a converter-se ao catolicismo, caso contrário deveriam sair da Espanha. Os que não cumpriam a ordem real eram perseguidos, torturados e mortos. Poucos anos depois, Portugal instituiu essa mesma política de intolerância. Muitas famílias judias então buscaram abrigo em outros países. Os pais portugueses de Espinosa estabeleceram-se em Amsterdã, e a família de Moreno, inicialmente, em Istambul, e depois em Bucareste e Viena até a emigração final nos Estados Unidos.

Moreno (1997, p. 41) admitia suas influências cabalísticas. Em sua autobiografia diz:

Em dado momento fiquei particularmente impressionado pela Cabala. [...] O dogma central da Cabala – de que toda a criação é uma imanação da divindade e que a existência da alma ⁴é eterna – juntou-se a minha preocupação original com o livro do Gênesis. “No princípio, Deus criou o céu e a terra” que me emocionou profundamente...

Em uma conversa com o psicólogo franco-brasileiro Pierre Weil (1924-2008), Moreno, já no final da vida, confirmou seus conhecimentos na área e citou antigos cabalistas⁵.

António Damásio (2009), em seu livro *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*, considera que Espinosa também foi influenciado pela Cabala:

Grande parte da vida de Espinosa até então tinha sido passada na leitura do Talmude, da Torá e dos textos da Cabala, que faziam parte da tradição sefardita e eram especialmente populares entre os judeus portugueses de Amsterdã (DAMASIO, p. 251).

No Museu de Espinosa, em Rijnsburg, próximo a Amsterdã, onde existem objetos da última casa em que Espinosa viveu, encontram-se alguns poucos livros que restaram de sua biblioteca, entre os quais um sobre a Cabala⁶. Suas influências cabalísticas devem-se, pelo menos em parte, a um de seus orientadores, o rabino Isaac Aboab da Fonseca⁷, da sinagoga portuguesa de Amsterdã. No entanto, se, por um lado, Espinosa recebeu alguma influência da filosofia cabalística, por outro, discordava do significado secreto das letras e dos simbolismos numerológicos a elas atribuído pela Cabala, pois o considerava crenças supersticiosas.

⁴ 1. Segundo meu entendimento, tanto em Moreno como em Espinosa, a expressão “alma” tem a conotação de um self cósmico, algo inerente a tudo que existe, inclusive ao homem.

⁵ Consultar a “Apresentação”, de Pierre Weil, ao livro *Psicoterapia de grupo e psicodrama* (MORENO, 1974).

⁶ Na verdade, os livros constantes do museu são réplicas dos originais do século XVII.

⁷ O rabino Isaac Aboab da Fonseca, durante a ocupação holandesa das cidades de Olinda e Recife (1630-1654), fundou nesta última a primeira sinagoga brasileira (e latino-americana), hoje transformada em museu.

A QUESTÃO DE DEUS

Para efeito de contextualização, introduzo de modo sintético o conceito divino da Cabala. Deus é considerado em si ou em suas manifestações. Em si, antes de qualquer revelação, é indefinido, vago, infinito, como um mar sem praia, um abismo sem fundo ou um fluido sem consistência. Sua designação menos imperfeita seria o “sem fim” ou o “não ser”. No entanto, ao manifestar-se, torna-se cognoscível. A Cabala diz que tudo que está em cima está embaixo, ou seja, que o macrocosmo (a Natureza) e o microcosmo (o homem) constituem a mesma substância.

Vejam alguns pontos em comum entre os dois autores. Para Moreno, Deus, ou a Divindade (*Godhead*), como frequentemente o denomina, representa a força espontâneo-criativa da Natureza. Para Espinosa, Deus e a Natureza constituem a mesma substância (*Deus sive Natura*: Deus ou Natureza). O homem está imerso nela, portanto é passivo a ela. No entanto, é ativo como ela, na medida em que compartilha da mesma energia criativa. A potência da Natureza não é senão a essência ativa dela própria.

Entendo por Deus um ser absolutamente infinito, isto é, uma substância constituída por uma infinidade de atributos, cada um dos quais exprimindo uma essência eterna e infinita (ESPINOSA, 1983, p. 46).

Por governo de Deus entendo a ordem fixa e imutável da Natureza, ou seja, o encadeamento das coisas naturais [...] Dizer, portanto, que tudo acontece segundo as leis da Natureza é o mesmo que dizer que tudo é ordenado por decreto de Deus (ESPINOSA, 2008, p. 51).

Compreenda-se Natureza não somente no sentido de rios, florestas e oceanos, mas como um todo em que existe uma Unidade cósmica infinita. Assim, o amor a Deus ou à Natureza distingue-se do amor entre os seres humanos, pois significa uma compreensão intelectual e respeitosa, um *amor dei intellectualis*, a essa Unidade. No romance *O enigma de Espinosa* (YALOM, 2013), um personagem faz uma blague questionando se Espinosa deifica a Natureza ou naturaliza Deus.

Lacan, segundo Roudinesco (2001), ressalta o *amor dei intellectualis* espinozano como a passagem da servidão religiosa para a liberdade, no sentido de que tanto o filósofo como ele próprio se tornaram mais livres para criar, a partir da “excomunhão” que sofreram: um do judaísmo e outro da Associação Internacional de Psicanálise (IPA).

Espinosa faz uma distinção entre a parte da Natureza que é criadora – *Natura naturans* (Natureza naturante) – e a parte que é resultado dessa criação – *Natura naturata* (Natureza naturada). Assim, fica delineada a perspectiva de um aspecto qualitativo, por assim dizer místico, na “natureza naturante”, e um resultado quantitativo, material, na “natureza naturada”. Moreno fala da Espontaneidade como catalisadora da Criatividade. A primeira como a energia que resulta em um produto transformador.

Nadler (2013) explica que o termo “substância”, na definição do Deus espinozano, deve ser compreendido como o que existe em si mesmo, e não em outra coisa, “o que no final de contas implica que há uma só substância, e ela é Deus ou a Natureza”(p. 42). A Cabala e Moreno falam de “centelhas divinas”, a essência criativa universal.

O conceito de Deus de ambos nada tem a ver com o céu e o inferno. Trata-se de um Deus imanente à Natureza, diferente do Deus transcendente, personalizado, da tradição judaico-cristã. Tudo se integra e se reintegra, não há uma ação que vise a um fim último predeterminado. Tudo é um fluir natural e constante do qual fazemos parte.

O Deus de Espinosa não é, portanto, um Deus pessoal, religioso, mas um princípio metafísico, o que foi uma das razões de sua condenação pelas autoridades religiosas da época (MARCONDES, 2007, p. 89).

O hassidismo, movimento religioso judaico do século XVIII, fundamentado nos princípios cabalísticos, era acusado pelo judaísmo tradicional de ser panteísta (do grego: *pan* – tudo e *theos* – deus), assim como Espinosa o foi pelos rabinos de Amsterdã. Não por acaso, Einstein (1874-1955), perguntado se acreditava em Deus, teria respondido que acreditava no Deus de Espinosa, que se revela na harmonia de tudo o que existe, e não em um Deus que se preocupa com o destino do homem. Para arrematar, lembro que o filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991) entendia a filosofia como uma dialética entre a ausência e a busca de Deus.

O CONHECIMENTO

Espinosa, segundo Gleizer (2005), descreve três gêneros de conhecimento do homem que se apresentam como um processo ativo. O primeiro refere-se à apreensão sensorial do mundo. Por exemplo, o sol, em princípio, seria simplesmente um disco redondo e amarelo. Esse grau inculto de conhecimento corresponde, do ponto de vista cultural, às crenças, às credences ou ao “ouvir dizer”. O sujeito é “induzido” a acreditar em algo e ponto final. Não há questionamentos em relação à apreensão.

O segundo gênero do conhecimento inclui a reflexão racional sobre o objeto que causou a sensação inicial e a tentativa de compreendê-lo como parte de um todo, de um sistema. Estamos agora no terreno da “dedução”.

O terceiro gênero inclui os dois anteriores, acrescentando a “intuição”. Esta seria uma visão além do olhar sensorial e racional, algo como enxergar por intermédio de um “terceiro olho”, descobrindo algo novo no mesmo objeto de observação. Em termos morenianos, nos reportamos novamente à Espontaneidade/Criatividade, considerada como uma “nova resposta a uma situação antiga” ou o “vislumbrar um novo horizonte”. O terceiro gênero espinozano corresponde ao Eu criador moreniano.

A ALEGRIA

O otimismo de Moreno, ou a alegria que foi introduzida no tratamento dos sofrimentos mentais (“o homem que trouxe alegria e riso à psiquiatria”, segundo seu epitáfio), assemelha-se à proposta de Espinosa de enfatizar a alegria (*laetitia*), em oposição à tristeza (*tristitia*). A alegria passiva, aquela que é proporcionada por outro, difere da alegria ativa, que brota de si mesmo. Damásio (2009, p. 294) comenta que Espinosa era otimista e “[...] aplicava com afinco na tentativa de cancelar os sentimentos de medo e tristeza que a natureza inspira e substituí-los por sentimentos de alegria na descoberta da natureza”. Para Espinosa, as paixões alegres incrementam a potência do agir (ação). As paixões tristes inibem a fluência dos sentimentos e da razão.

Ele se insurge contra os que se aproveitam das paixões tristes do povo para auferir vantagens e lucros desonestos (políticos, sacerdotes e curandeiros).

Tanto Moreno como Espinosa têm implícitos em seus conceitos a liberdade. O conceito de espontaneidade-criatividade só pode ser compreendido como um livre fluir criativo que vem de dentro para fora. Espinosa fala que “agir por si só” não significa fazer o que se quer, mas obedecer a “necessidade de sua própria natureza” (RAMOND, 2010, p. 47). A liberdade seria uma necessidade interior e a coação, uma imposição exterior.

O *conatus* (do latim: esforço) espinozano tem a ver com o impulso humano não somente de autopreservação, mas com um princípio de expansão e realização de tudo que está contido em sua essência cósmica, ou seja, de Espontaneidade-Criatividade em linguagem moreniana. Desse modo, liberdade, ação e alegria andam juntas, pois representam a expressão de algo que se tem dentro. Para expressar essa característica, Moreno utiliza a expressão alemã “*das ding ausser sich*” que significa *a coisa fora de si*. Quando jovem, em Viena, Moreno participou de um movimento filosófico denominado “seinismo” ou “existencialismo heroico”, um existencialismo da ação. O primeiro princípio do movimento falava da inclusão total da pessoa no fluxo espontâneo da existência. Aqui situava seu conceito de Momento, desvinculado do passado ou do futuro e definido como uma urgência da experiência imediata e criativa. O segundo princípio era constituído pela bondade, compreendida como a bem-aventurança natural de todas as coisas existentes.

Utilizo agora uma citação de Gleizer (2005) sobre o afeto espinozano para fazer uma aproximação com a sociometria moreniana, em que as escolhas recíprocas entre os membros de um grupo acontecem em termos de neutralidade, positividade (atração) ou negatividade (rejeição), constituindo um dos fundamentos da sociodinâmica grupal:

Dessa forma, uma afecção neutra, isto é, que deixa invariável a potência de agir, não tem dimensão afetiva. [...] A variação positiva da potência de agir – ou seja, sua passagem a uma maior perfeição ou força de existir – constitui a alegria, enquanto sua variação negativa – isto é, sua passagem a uma menor perfeição ou força de existir – constitui a tristeza (GLEIZER, 2005, p. 35).

O cruzamento das ideias dos dois pensadores permite concluir que a congruência (coincidência ou mutualidade) de atrações traz sentimentos alegres, enquanto a não reciprocidade nas escolhas pode produzir sentimentos tristes.

FINALIZANDO

Moreno (1974, p. 21) cita Espinosa como o iniciador do processo de “desendeusamento” do mundo, seguido por outros filósofos como Nietzsche e Marx. Entende-se “desendeusamento” como o processo de descrença do Deus criado pelo desejo humano de um Pai doador e punitivo. Assim como Deus criou o homem, este cria “deuses” segundo suas próprias projeções. Vale lembrar as concepções divinas das cinco grandes religiões, originadas com base em substratos socioculturais existentes em diferentes períodos históricos: judaísmo, cristianismo, islamismo, budismo e hinduísmo.

Em outro momento, Moreno (1991, p. 57) elogia o filósofo Bergson, que se inspirou em muitos conceitos espinosanos, pelo fato de:

(...) introduzir na filosofia o princípio da espontaneidade [embora raramente empregasse a palavra], numa época em que os mais destacados cientistas sustentavam teimosamente que tal coisa não existia na ciência objetiva.

Resumo essas aproximações entre Espinosa e Moreno, inicialmente, pelo fato de ambos terem sido judeus sefaraditas, com supostas influências cabalísticas que transparecem em seus conceitos, especialmente no de um Deus-Natureza imanente e espontâneo-criativo do qual fazemos parte como seu microcosmo. Ambos aproximam a expansão de si mesmo, ou a criatividade pessoal, como um ato de alegria. Valorizam a ação (*acting-out terapêutico*, de Moreno) como uma potência a ser expressa e propõem uma complementaridade semelhante entre a Natureza naturante/Natureza naturada e a Espontaneidade-Criatividade/Conserva Cultural. Foram universalistas, cada um a seu tempo, com o intuito de buscar uma compreensão da Unidade cósmica, em que tudo permanece e se transforma ao mesmo tempo.

REFERÊNCIAS

- ESPINOSA, B. **Ética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. **Tratado teológico-político**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- DAMÁSIO, A. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DANTAS, R. “Das paixões à liberdade em Spinoza”. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/daspaixoes-a-liberdade-em-spinoza/5369>> Acessado em 23 jan. 2014.
- DELEUZE, G. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- FLUSSER, V. **Bodenlos: uma autobiografia filosófica**. São Paulo: Annablume, 2007.
- GLEIZER, M. A. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- MARCONDES, D. **Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- MORENO, J. L. **Psicoterapia de grupo e psicodrama: introdução à teoria e à prática**. São Paulo: Mestre Jou, 1974.
- _____. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- _____. **J. L. Moreno: autobiografia**. São Paulo: Saraiva, 1997.
- NADLER, S. **Um livro forjado no inferno: o tratado escandaloso de Espinosa e o nascimento da era secular**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- RAMOND, C. **Vocabulário de Espinosa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- ROUDINESCO, E. **Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- WEIL, P. “Apresentação”. In Moreno, J. L. **Psicoterapia de grupo e psicodrama: introdução à teoria e à prática**. São Paulo: Mestre Jou, 1974, p. 15-18
- YALOM, I. D. **O enigma de Espinosa**. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

AGRADECIMENTOS

Agradeço os ensinamentos do Prof. Emilio Terron no *Grupo de Estudos de Filosofia (GEF)* Daimon – CER, as contribuições dos colegas do grupo e os comentários do dr. Edson Miyahara.

José Fonseca
Rua Havaí, 78
São Paulo – SP
CEP 01259-000
Tel.: (11) 3862-4859
fonseca@daimon.org.br

Recebido: 03/02/2014
Aceito: 13/05/2014